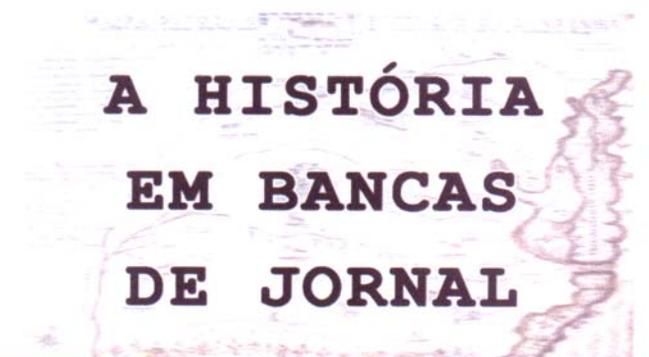




ECLÉTICA 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP



A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer
Monitora PAE - Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro
Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I
0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Raquel Glezer¹

Introdução

As experiências dos professores das disciplinas teórico-metodológicas em curso de História, bacharelato ou licenciatura, podem ser generalizadas, pois usualmente enfrentam incompreensões por parte do alunado e de colegas. Não importam as denominações: Introdução aos Estudos Históricos ou Metodologia da História; Filosofia da História; Teoria da História; História da Historiografia... Afinal, para que elas servem? O que fazem em um currículo sobrecarregado?

As outras disciplinas obrigatórias de um curso de História possuem conteúdo definido por espaços geográficos (América, Brasil, África, Ásia), ou recorte cronológico (História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea). O recorte cronológico ainda se impõe ao recorte geográfico, apesar dos questionamentos apresentados nos últimos trinta anos, a partir da obra de Chesneaux² sobre o uso ideológico da periodização. As disciplinas optativas se organizam por temas, processos explicativos, fontes ou campos historiográficos.

Diversamente, as disciplinas teórico-metodológicas deslocam-se em espaços e tempos variados, pois podem se articular por conceitos, teorias explicativas, formulações teóricas de processos históricos, análises historiográficas de autores, temas relevantes, questões significativas ou momentos marcantes.... quase sempre fugindo ao recorte espacial e/ou ao cronológico.

Para os alunos, as disciplinas teórico-metodológicas se apresentam como um conjunto complexo. Têm dificuldade de reconhecer nelas o que conhecem como História, isto é, o campo de conhecimento que aprenderam a reconhecer como tal nos livros didáticos, manuais acadêmicos e livros dos historiadores. As discussões sobre o que são documentos, fatos históricos, fontes, memórias, monumentos, os questionamentos sobre os conceitos nos livros escritos pelos historiadores, ou os debates sobre os usos de cultura material, cultura imaterial, história oral, memória social, micro-história e macro-história, genealogia, memória local se apresentam como complicações do que aparenta ser simples e conhecido.

Qual a finalidade de uma disciplina como Teoria da História no processo de formação de um profissional da história? As reflexões que são propostas aos alunos têm qual finalidade? As respostas podem ser tão múltiplas como o campo: conhecer a História da História; perceber como o campo dos estudos históricos foi formado e quais as transformações que sofreu; aprender a reconhecer os conceitos e as teorias que embasam os trabalhos dos historiadores, identificar os pressupostos da seleção de temas, fatos e dos arranjos dos conteúdos. De forma sintética, reconhecer que o conteúdo da história que encontram nos livros é um produto cultural datado (linguagem, conceitos, preconceitos), da mesma maneira que os textos que produzem em seus trabalhos.

Para nós, professores nestas disciplinas, as questões teóricas devem fundamentar os trabalhos dos historiadores, quer os de pesquisa em campo, não importando o tipo de fonte explorada - arquivística, bibliográfica ou de história oral, quer os de análise historiográfica sobre as obras de historiadores, nas variadas formas que podem assumir.

¹ Profa. Titular Teoria da História e Metodologia da História/Departamento de História/FFLCH/USP; e-mail: raglezer@usp.br.

² Cf. Jean Chesneaux. *Du passé faisons table rase? : a propos de l'histoire et des historiens*. Paris: F. Maspero, 1976; trad. brasileira *Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

Tais questões estavam em nosso horizonte de preocupação quando propusemos aos alunos matriculados na disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno, no primeiro semestre de 2005, cujo programa havia sido formulado com o objetivo de possibilitar uma visão panorâmica de algumas formas de reflexão sobre a história até o início do século XX, com aulas teóricas e leituras de textos de alguns autores clássicos, algo a mais: um trabalho empírico, levando em consideração as restrições e limitações aos alunos dos cursos noturnos: biblioteca em horário restrito; arquivos, centros de documentação e museus fechados, nos horários que os alunos poderiam dispor para alguma atividade extra classe.

Que material poderia ser utilizado, que estivesse acessível e cujas informações complementares pudessem ser localizadas por quem cumpre oito horas de trabalho diárias em cinco dias por semana? A nossa proposta foi a de explorar um material recente, visível e de fácil aquisição, que existe e se oferece nas bancas de jornal – as revistas de divulgação de história, em suas múltiplas apresentações e em seus variados níveis de formulação.

Temos a certeza que nem todas as publicações existentes foram exploradas, pois tal não era a intenção da proposta, que tinha como objetivo proporcionar aos alunos quase todas as etapas de um projeto de pesquisa, a partir da seleção de fonte e temas de interesse dos autores dos trabalhos, que foi respeitada, quer pela possibilidade de acesso³. Apesar da vasta rede de bancas de jornal existentes na área metropolitana, nem todas contém exatamente o mesmo conjunto de publicações, dependendo do local em que estão e da clientela a que atendem.

Em complementação

Depois dos trabalhos de pesquisa e redação realizados e entregues, na fase de preparação e edição digital para inserção no sítio (www.raquelglezer.pro.br), encontramos na rede algumas referências sobre o mesmo assunto, como a indicação do trabalho de Iniciação Científica na Faculdade Cásper Libero de Marcela Rosa Mastrocola, denominado “Aventuras na História: intermediários culturais, mercado editorial e cultura de consumo”⁴, em nota, sem data, acesso ao texto ou resumo. E o texto de Thathiana Murillo, datado de 05.12.2004, com o título de “*Páginas do passado: o boom das revistas de História*”, no qual a autora traça um histórico das revistas de história de divulgação em vários países e o início de tais periódicos do Brasil, a partir de 2003⁵.

Não consideramos a nossa pesquisa exaustiva e é possível que existam outros estudos sobre o mesmo tipo de material.

³ Os trabalhos, de modo previsível, concentraram-se nas revistas com maior facilidade de acesso: *Nossa História*, *História Viva*, *Aventuras da História*. Outras publicações foram também localizadas e selecionadas pelo interesse dos alunos. Ao menos uma publicação não foi explorada - a *Brasilis*, da editora Atlântica, do Rio de Janeiro, coordenada por Luis Felipe Baeta Neves. Ela era inicialmente vendida por assinatura, e só conhecemos os dois números iniciais. O sumário deles pode ser encontrado no sítio: <http://atlanticaeditora.com.br/>.

⁴ No sítio www.facasper.com.br/cip/iniciencia: “tema: Estudo sobre o fenômeno das revistas de história no contexto da hipermodernidade, com base na análise da publicação *Aventuras na História ...*”; e-mail: marcelamastrocola@gmail.com.

⁵ Thathiana Murillo. *Páginas do Passado: o boom das revistas de História*, datado de 12.05.2004, no sítio O cisco, <http://www.ocisco.net/thati10.htm>; e-mail thatianamurillo@uol.com.br.

1. Enfrentar os preconceitos

A seleção do material para ser pesquisado decorreu de sua facilidade de acesso, por um lado. Em nossos dias, a história está nas bancas de jornal, em formas variadas. Está nos jornais diários - que são uma das fontes para a história do tempo presente e para a história contemporânea; nas revistas semanais e/ou mensais de viés informativo ou analítico de variadas tendências políticas; nas coleções de obras clássicas para divulgação – como a coleção ‘Os Pensadores’ ou a coleção ‘Pensadores Brasileiros’. Seleccionamos uma materialidade específica - as revistas de temas históricos, voltadas para o público consumidor não-especializado.

A multiplicidade de periódicos e publicações de assuntos variados nas bancas de jornal é indicativo de alguns processos característicos da sociedade contemporânea pós-industrial: a ampliação do público leitor, decorrente dos processos de urbanização e alfabetização; a ampliação do acesso ao conhecimento; o atendimento pelas empresas editoras de todas as áreas de interesse do público leitor, em suas múltiplas identidades sociais⁶. Este foi o outro elemento fundamental para a escolha do objeto – a possibilidade de captar um fenômeno social ‘quente’, em sua concretização, na vivência do processo, que precisa ser analisado e compreendido. Em nossos dias, a diversificação da mídia impressa, em miríades de pequenas empresas gráficas – algumas das quais de vida curta, ao lado dos conglomerados de empresas gráficas e das de mídias, soma-se ao complexo jogo dos cruzamentos de todas as mídias – imprensa, cinema, televisão, eletrônicas, digitais...

Lembremos também que em nossos dias há associações entre empresas, para atingir determinados segmentos do público, com a criação de marcas novas, ocultando a empresa principal e dificultando o acompanhamento das questões mercadológicas.

Alunos de graduação estão acostumados com a leitura de textos selecionados por professores – capítulos de livros e/ou artigos publicados em periódicos acadêmicos, cujos padrões correspondem aos parâmetros da comunidade científica. Não há a preocupação com o perfil da publicação, pois a responsabilidade de seleção é do professor. A valoração realizada é pela especialidade do autor, respeitabilidade da revista, reconhecimento da instituição que a publica - todos elementos de identificação de comunidade científica e de reconhecimento entre pares.

As próprias revistas acadêmicas se transformaram, no decorrer do século XX, de recurso informativo e quase que exclusivamente erudito, em fontes reconhecidas para os trabalhos historiográficos, e hoje são objetos de pesquisa para análises de conteúdo, que variam conforme as orientações dos campos historiográficos.

Por outro lado, raramente o material de vanguarda do conhecimento, o da ‘literatura cinza’⁷ é utilizado, mantendo-se como exclusividade do circuito especializado e restrito dos pesquisadores.

No país, há crescente desenvolvimento do campo de pesquisa sobre a história do livro e da leitura⁸. As revistas de literatura, de educação e as semanais gerais têm recebido

⁶ Sobre as identidades sociais contemporâneas, ver Serge Moscovici. *Representações sociais*. Investigações em psicologia social. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁷ Literatura não convencional, conhecida por ‘literatura cinza’ (teses, folhetos, anais, proceedings, relatórios de pesquisas, notas técnicas, indicadores de ciência e tecnologia, preprints, publicações seriadas e trabalhos não publicados). Cf. <http://www.ige.unicamp.br/site>.

⁸ Ver: a) sitio: www.livroehistoriaeditorial.pro.br/, do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, realizado entre 8 e 11 de novembro de 2004, na Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de

atenção sistemática desde a década de setenta do século XX, vasto material que pode ser encontrado nas bibliotecas. Contudo, são escassos os estudos analíticos sobre as revistas de história no país, com exceção dos estudos sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que utilizam o seu periódico, o mais antigo do país, datado de 1838, mais como fonte sobre a instituição do que como objeto de análise⁹.

A proposta de analisar as publicações encontradas em bancas de jornal foi, por alguns alunos, questionada pelo fato de não ser este um material ‘respeitável’. A desqualificação é devida ao fato de revistas comerciais não terem a mesma estrutura formal dos periódicos acadêmicos, principalmente a revisão por pares. E que os artigos não poderiam ter conteúdo acadêmico e ser resultado de trabalho de pesquisa de historiadores. A maior crítica foi que as revistas comerciais tinham como alvo um público genérico e não-especializado. Afinal, trabalhar com ‘material de divulgação ou vulgarização’ não era um trabalho adequado aos historiadores em formação¹⁰.

No decorrer da pesquisa, mesmo os alunos mais renitentes acabaram mudando de opinião, pois conseguiram verificar que entre as revistas para o grande público existem níveis diferenciados de informação, apresentação de resultados de pesquisa, debates sobre questões de momento e um trabalho de apresentação ao público de textos escritos por historiadores. O conteúdo apresentado depende do público visado pela revista.

2. A popularização da cultura

O fenômeno do público consumidor de produto cultural oferecido em bancas de jornal no Brasil data dos anos sessenta do século XX, quando a Editora Abril¹¹ lançou edições de obras em fascículos, mas continuou mantendo-se basicamente como uma editora de histórias em quadrinhos infantis e juvenis, e, de publicações românticas destinadas a adolescentes e mulheres jovens, vendidas em bancas. Na área específica da História, a primeira foi a coleção ‘Grandes Personagens da Nossa História’ - biografias de personagens da História do Brasil, em fascículos, com textos escritos por professores de história. E depois, nos anos da ditadura militar, lançou a coleção ‘Os pensadores’-volumes encadernados de obras de autores clássicos da cultura ocidental, que muitas

Janeiro; b) sitio da Intercom: www.intercom.org.br/, especificamente para os textos resultantes de pesquisa apresentados nos eventos da área: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>.

⁹ Ver, entre outros: Isa Adonias. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 150 anos*. Rio de Janeiro: Studío HMF, 1990; Virgílio Correia Filho. Como se fundou o Instituto Histórico. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 255, 1962; Max Fleiüss. *O Instituto Histórico através de sua Revista*. Rio de Janeiro: IHGB, 1938; Lúcia Maria Paschoal Guimarães. "Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial": o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 156, 388, 1995; Manoel Luís Salgado Guimarães. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, no. 1, 1988, pp. 5-27;-----De Paris ao Rio de Janeiro: a institucionalização da escrita da História. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, volume 4, no. 1, 1989, pp. 135-144; Lília Moritz Schwarcz. "Os guardiões da nossa história oficial". Os institutos históricos e geográficos brasileiros. São Paulo: IDESP, 1989; ----- . *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Arno Wehling. As origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 338, 1983, pp. 7-16;----- .Historicisimo e concepção de História nas origens do IHGB. In: ----- (org.) *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: idéias filosóficas, sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989, pp. 43-58.

¹⁰ Apesar dos questionamentos, uma grande parte dos alunos possuía alguns exemplares das revistas de divulgação nacionais e recorreram ao seu próprio material; outros, de forma surpreendente, possuíam exemplares de revistas editadas em outros países, o que aparece em seus trabalhos.

¹¹ No sítio da Editora Abril está a história da empresa, ver <http://www.abril.com.br/br/conhecendo/>.

vezes estavam recebendo a primeira edição no país, com tradução por professores especialistas no autor ou no assunto, quebrando o preconceito existente contra a compra de livros em bancas de jornal. A série de sucessos editoriais foi interrompida com uma coleção de história do Brasil, a ‘Saga’, que não foi completada. Embora a Editora Abril se apresente como a pioneira na edição de obras de divulgação para o grande público consumidor, apenas atualizou uma forma de divulgação que já existia, a da edição de obras clássicas ou informativas em tiragens maiores que as usuais. Antes dela, existiram outras iniciativas de divulgação e popularização da cultura no país, que ainda não foram devidamente estudadas.

A coleção ‘Tesouro da Juventude’¹², marco na vida de milhares de jovens leitores, foi difundida por vendedores em muitas das cidades do país, independente de seu tamanho e da existência de livrarias. O mesmo ocorreu com as coleções de obras de história como Cesare Cantú¹³, H. G. Wells¹⁴ e Will Durant¹⁵.

A Editora Ediouro¹⁶ tinha e ainda tem forte atuação na área da divulgação de autores clássicos, mas seus livros, em pequeno formato e em papel jornal, só podiam ser encontrados em livrarias. Além das citadas, existiram outras coleções de obras literárias destinadas a um público consumidor maior que o tradicional consumidor em livraria: a coleção ‘capa amarela’ de grande formato da Editora Globo de Porto Alegre – hoje Globo Livros¹⁷, com traduções de obras clássicas e contemporâneas, por intelectuais de renome, e, a coleção Saraiva, da editora do mesmo nome¹⁸, com volumes de pequeno formato, em papel jornal, que era vendida porta a porta para as famílias interessadas. A Editora Agir¹⁹ também teve uma coleção de clássicos em pequeno formato e em antologia, ‘Nossos Clássicos’.

A estrutura de venda porta a porta que foi desenvolvida na primeira metade do século XX continua ainda em nossos dias, com enciclopédias escolares e coleções de obras informativas em geral.

¹² Esta obra teve diversas edições, pela W. M. Jackson Editores, dos anos vinte até os anos cinquenta.

¹³ Cesare Cantú. *História universal*. Obra de tanto sucesso que recebeu várias edições, entre outras: a) Rio de Janeiro: Fluminense, 1883; b) Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1931; c) São Paulo: Américas, 1946. 32 v.; d) São Paulo: Edameris, 1970, ed. resumida.

¹⁴ H. G. Wells. *História universal: da ascensão e queda do império romano até o renascimento da civilização ocidental*. São Paulo: Nacional, 1939. 3 v.

¹⁵ Will Durant. *História da civilização*. São Paulo: Ed. Nacional, 1943. 18 v. A obra teve edições em 1956 e 1967, e em outras editoras. O autor continua sendo editado no país, podendo suas obras ainda serem encontradas em livrarias. Dados sobre sua vasta produção podem ser encontrados no sítio da **Will Durant Foundation**, <http://www.willdurant.com/home.html>

¹⁶ Ver em *Wikipédia, a enciclopédia livre*, sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ediouro>.

¹⁷ Cf. <http://globolivros.globo.com/>; a Rio Gráfica Editora adquiriu em 1986 a Editora Globo. A história sintética da Editora Globo pode ser lida na *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Sítio: http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Globo. Sobre a editora há a indicação do livro de Elisabeth Wenhausen Rochadel Torresini, *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, s.d., na Coleção Memória Editorial.

¹⁸ Ver sítio: <http://sf.editorasaraiva.com.br/port/perfil/historico>; cf. dados da empresa, em 1946 foi lançada a Coleção Saraiva, dirigida por Mário da Silva Brito e Cassiano Nunes, que incluía autores nacionais e internacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Menotti del Picchia, Orígenes Lessa, Henry James, Edgar Allan Poe, Herman Melville, ilustrada por artistas de renome, como Aldemir Martins, Darcy Penteadado, Nico Rosso, com traduções de Otávio Mendes Cajado, Décio Pignatari, Nair Lacerda e José Geraldo Vieira. A forma de comercialização era por assinatura, feita por vendedores, com entrega do exemplar publicado mensalmente; vendeu milhares de volumes, pois editou 287 títulos, alguns dos quais com tiragem de até 50.000 exemplares.

¹⁹ Ver histórico da empresa no sítio: <http://www.editoraagir.com.br/historico>; cf. dados, foi adquirida pela Ediouro, em 2002.

Da metade para o final do século XX, as bancas de jornal se tornaram o lugar de exposição da mais ampla variedade de publicações, de todos os assuntos possíveis e imagináveis, para todos os tipos de leitores.

3. O contexto

Há uma explicação corrente para o alto preço dos livros editados no Brasil: a falta de público leitor, pois existem poucas livrarias pelo país e, portanto, poucos leitores. Contudo, as vendas de ‘best-sellers’ desmentem tais afirmações: milhares de livros são vendidos em curto espaço de tempo. Se existissem tão poucos leitores no país, como afirmam as editoras de livros para venda em livrarias, as editoras que lançam seus produtos culturais em bancas de jornal não teriam crescido e multiplicado.

O crescimento das editoras especializadas em publicações para bancas de jornal deve ser relacionado com outros dados: aumento da população, predominância da urbanização, crescimento da escolaridade, aumento da renda familiar, capilaridade dos meios de divulgação de massa pelo país e interligação entre as diversas ‘mídias’.

Dos fenômenos citados, o aumento populacional se destaca: em 1950, a população do país era de 51.949.397, e, em 2000, de 169.799.170 de habitantes²⁰. No mesmo período, a população urbana passou de crescente a dominante, decorrência de fatos distanciados no tempo, mas que explicam alguns aspectos do fenômeno: em 1938, todas as sedes de município passaram a ter o título de cidade, não importando a população; nos anos cinquenta a industrialização por substituição de importações e de bens de capital deslocou uma grande parcela da população de áreas rurais para algumas áreas urbanas; e, em 1988, a Constituição passou a permitir maior facilidade para a divisão de municípios e ampliou os repasses do governo federal para os entes municipais, o que possibilitou a expansão numérica deles. Em cada município, mesmo que não exista biblioteca pública ou livraria, obrigatoriamente deve existir escola fundamental básica, e, pode existir uma banca de jornal, mesmo que seja a única na estação rodoviária.

O processo de modernização econômica do país a partir de meados do século XX possibilitou a melhoria da infra-estrutura em transportes e comunicação; a ampliação do processo de escolarização com o objetivo da universalização do ensino fundamental e posteriormente do ensino médio; o emprego em setores que previamente não existiam; o crescimento da massa salarial; o crescimento do mercado educacional para atender a demanda de mão-de-obra mais especializada; o desenvolvimento de redes de comunicação via mídia eletrônica pelo país, que criaram um mercado nacional para determinados produtos, inclusive para os da indústria cultural.

A existência de milhares de aparelhos de televisão pelo país substituiu em grande parte a imprensa escrita como fonte de informação, por um lado, e, por outro, criou um outro mercado produtor e consumidor com a possibilidade de inter cruzamento de mídias. Os produtos culturais da televisão promovem a venda de publicações escritas – sobre ela mesma, os programas, os participantes de suas produções (autores, diretores, atores e outros especialistas). Também algumas produções televisivas, como telenovelas e minisséries promovem publicações escritas – os livros originais, as adaptações, e depois os vídeos, os cds e os DVDs. O lançamento de filmes, nacionais ou estrangeiros, com chamadas em televisão, e com eventual apresentação posterior em horários especiais, também alavanca publicações destinadas ao grande público, informando sobre a obra, roteiro, diretor, atores e outros especialistas. Os temas épicos ou históricos, quando explorados pelas mídias cinematográficas e televisivas, envolvem altos custos de

²⁰ Conforme dados do IBGE, no sítio: www.ibge.gov.br/, em Síntese dos censos demográficos.

produção, que são parcialmente recuperados ou ampliados pelos produtos em paralelo: publicações impressas, vídeos, cds e dvds, além de outros produtos destinados ao público infantil e/ou juvenil, da mesma forma que os filmes de entretenimento.

Se há momentos em que a sociedade ocidental parece esquecer da existência da história, apesar de estar imersa nela, em outros há preocupação com ela. Geralmente, em datas comemorativas de fatos históricos relevantes há a ressurgência do interesse pela história, quer como processo, quer como narrativa. Em determinados momentos, a sociedade como um todo se sente atraída por fatos históricos – em livros com temas históricos, biográficos ou pseudo-históricos; em filmes biográficos, épicos, históricos ou míticos; em docu-dramas históricos ou documentários sobre fatos históricos, reconstituídos com material de época. Não é possível identificar claramente se tal interesse é uma válvula de escape – fuga/refúgio para um tempo mítico de paz e segurança, ou, genuíno, para compreender a sociedade e o momento em que vive. Em nossos dias, no início do século XXI, há retomada da curiosidade por fatos históricos, que aparece tanto nas produções impressas, como nas cinematográficas e nas televisivas. Os motivos que provocam tal interesse podem ser variados: insegurança diante das transformações em curso; dificuldades de compreender a fase histórica em que vive; medo diante do desconhecido; necessidade de reafirmar o conhecido diante de outras propostas de organização social e tantas outras questões possíveis de serem arroladas.

Quanto as motivações que levaram ao lançamento das revistas de divulgação de história no país, Thatiana Murillo utiliza a referência das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento como o motivo para o lançamento de tais publicações²¹. A nosso ver, tal explicação não se aplica totalmente – teria pleno sentido se estas tivessem começado a ocorrer no mesmo ano ou no seqüente, o que não ocorreu, pois datam de 2003 em diante. As explicações podem ser procuradas tanto no contexto nacional – a consolidação do processo de urbanização, universalização da educação básica e suas conseqüentes transformações, como no maior acesso a informações internacionais, na divulgação em tempo real pela televisão dos fatos de setembro de 2001, na retomada do ciclo de guerras simultâneas, na sensação de ameaça diante do desconhecido que pode estar se aproximando – elementos que podem ter contribuído para que se concretizasse no país algo de novo, as revistas de divulgação de história. Devemos lembrar que tal tipo de publicação existe em outros países há muitos anos, desde o começo do século XX, mantendo continuidade e possibilitando a divulgação do conhecimento historiográfico a um grande número de pessoas, o que pode ter permitido o crescimento do mercado editorial dos livros especializados em história e das grandes coleções do final do século XX²².

²¹ Ver nota 3.

²² Além da venda de milhares de exemplares de algumas obras de história como *Le Dimanche de Bouvines: 27 juillet 1214*, de Georges Duby. Paris: Gallimard, 1986, e, *Montaillo, village occitan de 1294 a 1324*, de Emmanuel Le Roy Ladurie. Paris : Gallimard, 1975, pensamos nas coleções como História das Mulheres e História da Vida Privada, que foram sucesso editorial destacado, foram traduzidas no Brasil e inspiraram coleções similares nacionais.

4. Cultura de massa

È muito interessante para o historiador verificar como a conceituação de ‘cultura de massa’ tem sido vista pela sociedade, principalmente em uma proposta como a que fizemos, de explorar uma fonte da cultura de massa impressa, destinada a um público leitor não especializado.

A conceituação da existência de uma ‘cultura de massa’ ou ‘cultura popular’ se opõe a de uma ‘cultura erudita’, mais valorizada porque de ‘melhor qualidade’, mais restrita e limitada aos que a ela têm acesso, por poder aquisitivo e domínio cultural.

A ‘cultura erudita’ é resultante da decantação da produção cultural da sociedade ocidental cristã e é o cânone dos valores culturais - a ‘alta cultura’ é o conhecimento e apreciação dos clássicos na literatura, música, balé, teatro, pintura e escultura, em oposição a uma outra cultura, considerada inferior por não ter o mesmo conteúdo e relevância, produzida e vivenciada no cotidiano pelas pessoas comuns, ‘a cultura popular’, que é muitas vezes confundida com ‘folclore’, em uma concepção conservadora e nacionalista estreita.

Tomada em senso estrito, a concepção canônica de cultura faz com que toda a produção cultural do mundo moderno industrial do século XIX e do pós-industrial do século XX, todos os questionamentos, críticas, leituras e releituras da sociedade contemporânea fiquem fora dos parâmetros estabelecidos.

Mas a produção cultural possui a sua própria dinâmica, riqueza e complexidade, e é indicativa da reflexão e crítica do mundo no qual o indivíduo produtor/consumidor está inserido e vive. Para os artistas contemporâneos, o cânone não é um obstáculo. Na realidade diária da sociedade pós-industrial, todas as artes se libertaram do cânone. A multiplicidade das formas de expressão literária e artística é quase impossível de ser totalmente conhecida em nossos dias. O rádio, o cinema e a televisão se inscreveram no campo da produção e da reprodução cultural, da mesma forma que a imprensa. E o mundo da produção digital está seguindo a mesma trajetória, de modo mais acelerado.

Contudo, a resistência às novas formas de arte e conhecimento ainda é grande. No campo dos estudos humanísticos, o domínio do cânone se manteve por mais tempo. E só no último quartel do século XX ele passou a ser questionado por grupos feministas, étnicos, de culturas minoritárias e pelos pesquisadores pós-modernos, que exigem que a noção de cultura seja mais inclusiva e menos restritiva.

A valorização da oposição entre a ‘cultura erudita’ e a ‘cultura popular’ pode ser entendida como uma atitude socialmente conservadora, a partir da Revolução Francesa, em que o conceito de ‘povo’ para os conservadores e contra-revolucionários era o de uma ‘ameaça’ a seu modo de vida. A preservação dos valores da sociedade estamental encontrou na valorização do cânone apoio e a justificativa de uma concepção de sociedade, a partir de meados do século XIX, quando ‘povo’ e ‘massa’ se tornaram quase que sinônimos de ameaça social.

Nos movimentos revolucionários políticos e sociais dos séculos XIX e XX, uma das propostas mais atraente é a da democratização de acesso de todas as pessoas a todos os bens, políticos e econômicos, a partir da alfabetização universal, e, principalmente aos bens culturais.

A idéia de separação rígida entre a chamada ‘alta cultura’ e a ‘cultura popular’ foi questionada por Bahktin²³ ainda na primeira metade do século XX, e, o tema da circularidade das idéias entre grupos sociais, no final do século XX, encontrou apoio em historiadores da história cultural, como Roger Chartier e C. Guinzburg, entre outros, e, principalmente nos autores pós-modernos.

Os resultados

Os resultados obtidos foram surpreendentes, para nós e para os alunos. Para nós, pela localização de inúmeras publicações destinadas a suprir a curiosidade do público sobre temas históricos – em níveis de informação diferenciados, desde as mais elementares até as que apresentam resultados de pesquisas acadêmicas, em linguagem acessível ao não-especialista. Nosso ponto de partida para a proposta do trabalho havia sido o conhecimento das revistas *Nossa História* e *História Viva*. Os alunos conheciam algumas outras e localizaram outras tantas, que não eram tão conhecidas, e que aparecem nos textos que seguem. E também pela capacidade demonstrada pelos alunos de pesquisar informações, mesmo as que exigiram contato direto com as editoras e com os editores; analisar conteúdos sob aspectos variados, demonstrando que o processo de formação fragmentada, proposto pelo Departamento de História, apesar da dificuldade de explicitação, está proporcionando ao corpo discente uma formação adequada ao mundo contemporâneo.

Para os alunos, podemos comentar de um lado que com a aprendizagem da prática de pesquisa - seleção de tema, seleção de fontes, coleta de dados, análise de conteúdo, contextualização e redação de um texto sobre a pesquisa e os resultados obtidos, houve a possibilidade de aprender como usar material diferenciado do tradicional (textos de livros e excertos de documentos), experiência que pode ser transmitida a práticas de ensino de história em outros níveis. Por outro lado, esperamos que os mais renitentes tenham aprendido a aceitar a produção cultural da sociedade em que vivem. Consideramos que se há experiência e vivência da postura crítica em relação à formação socioeconômica e cultural em que estão inseridos, a manutenção de preconceitos sobre a ‘cultura de massa’ e a exigência do cânone cultural são elementos contraditórios que precisam ser enfrentados. E o que a nosso ver foi o mais importante: tiveram eles a experiência da apreensão ‘a quente’ de dois conceitos teóricos que marcam a sociedade atual – a da circularidade das idéias na cultura, e, a da fragmentação das identidades sociais. Lembramos ainda que nas análises de conteúdo foram localizadas algumas das teorias de história, que haviam sido apresentadas e discutidas no transcurso das aulas teóricas e das leituras, demonstrando na prática a longa vigência de idéias na cultura e na sociedade.

Os textos que seguem a esta apresentação são todos os trabalhos de curso da disciplina, resultantes das pesquisas e análises dos alunos. Alguns são trabalhos individuais, outros coletivos. Cada um deles representa a trajetória de pesquisa que foi percorrida, os interesses, curiosidades e idiosincrasias dos autores. Não foi realizada a normalização

²³ BAHKTIN, M.. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília:UnB, 1987.

dos textos e nem estão apresentados os comentários da avaliação. A finalidade da publicação é reconhecer os esforços empregados na pesquisa, o empenho e interesse demonstrado, além de colaborar com outras pessoas que tenham alguma curiosidade sobre o material de divulgação de história impresso disponível em bancas de jornal.

Agradeço a Silene Ferreira Claro, doutoranda no Programa de História Social/FFLCH/USP, linha de pesquisa História da Cultura, monitora da classe no PAE/FFLCH/USP primeira fase, o apoio, as sugestões e a relação estabelecida com a classe, que muito contribuíram para o bom desenvolvimento do curso e das atividades. E a todos os alunos que cursaram a disciplina e que no decorrer do semestre selecionaram o material com que pretendiam trabalhar, defenderam suas escolhas, descreveram as dificuldades encontradas, apresentaram as soluções e os resultados obtidos. Eles se encontraram com o que os pesquisadores em história costumam enfrentar: problemas de acesso a fontes e as informações, impossibilidade de usar o material inicialmente previsto, desconforto com os resultados obtidos, questões que não puderam ser respondidas, e tudo o mais que acontece depois do trabalho escrito e entregue.

Espero que a experiência tenha sido tão proveitosa para eles como foi para nós e que a noção de que estamos imersos na história – mesmo explorando um tema restrito e aparentemente limitado, tenha se tornado mais clara e compreensível. E que a função da disciplina Teoria da História no processo de formação tenha adquirido sentido.
São Paulo, segundo semestre de 2005.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História
Teoria da História I – Prof.^a Dr.^a Raquel Glezer

TRABALHO
PRODUÇÃO CULTURAL – DIVULGAÇÃO HISTÓRICA
“Aventuras na História:
de filhote da *Super Interessante* à independência”

Roberta Julien Miranda n° 5165977

Sandra Stiegele Mosti n° 4931830

SÃO PAULO/SP

Junho/2005

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução: Um mercado até então pouco explorado | 02 |
| Ficha descritiva | 03 |
| Ficha temática | 09 |
| Conclusão | 18 |
| Agradecimentos | 19 |
| Bibliografia | 20 |

Introdução: Um mercado até então pouco explorado

O *boom* de lançamentos editoriais de publicações culturais de divulgação histórica iniciado no segundo semestre de 2003, foi uma grata surpresa para o público interessado em História. Num país onde se investe tão pouco em educação e cultura, acreditamos que toda e qualquer tentativa de resgate de memória e divulgação de conhecimento é válida, ainda mais neste momento tão dinâmico, onde as inovações tecnológicas ficam obsoletas em poucos meses.

Dentre as revistas lançadas neste período, escolhemos a *Aventuras na História* por uma série de motivos destacando o seu pioneirismo, a tradição da revista à qual era vinculada (*Super Interessante*), alcance mercadológico, poder de atração sobre o público jovem e sua capacidade de levar a História até para quem não gosta de estudá-la na escola.

Para efetuar nossa análise, escolhemos a comparação entre os três primeiros números e um atual. A importância das três primeiras edições (julho, agosto e novembro/2003) é justificada por acreditarmos ser este um “prazo de experiência” aceitável para consolidar-se no mercado ou ser tirada dele, já que a produção e circulação de 44.000 exemplares por mês de um periódico sem consumidores é algo inviável financeiramente. O relativo sucesso da revista é comprovado por sua continuidade no mercado editorial e ampliação de sua tiragem mensal para 80.000 exemplares. Daí nosso interesse por avaliá-la através de uma edição recente (nº 20 – abril/2005) para verificar sua adaptação ao público leitor.

As edições selecionadas foram analisadas quanto a sua estrutura e conteúdo, bem como informações complementares e dúvidas sobre a publicação foram esclarecidas juntamente com o editor chefe da *Aventuras na História*.

Ficha descritiva

Apresentação da revista

Quadro 1: quadro técnico da revista

| | | |
|--------------------------------|----------------------------------|--|
| Nome da publicação: | <i>Aventuras na História</i> | |
| Editora: | Editora Abril S/A. | |
| Número de páginas: | 66 (sessenta e seis) | |
| Tiragem mensal atual: | 80.000 (oitenta mil) exemplares | |
| Organização interna | <i>Escrituras</i> (reportagens): | <i>Alfarrábios</i> (seções): |
| (adotada atualmente, | <i>Capa</i> | <i>Info-história</i> |
| conforme edição nº 20): | <i>Foto-história</i> | <i>Máquina do tempo:</i> |
| | <i>Personagens</i> | <i>Notas Arqueológicas</i> |
| | <i>Grandes momentos</i> | <i>Abril na história</i> (segue o mês da data da publicação) |
| | <i>Terra brasilis</i> | <i>Linha do Tempo</i> |
| | <i>Obra-prima</i> | <i>Museus do Mundo</i> |
| | | <i>Como fazíamos sem</i> |
| | | <i>Dito e feito</i> |
| | | <i>História maluca</i> |
| | | <i>Dúvida cruel</i> |
| | | <i>Tomos e telas:</i> |
| | | <i>Clássico</i> |
| | | <i>Biblioteca básica</i> |
| | | <i>Em cartaz</i> |
| | | <i>História online</i> |
| | | <i>Aventuras virtuais</i> |
| | | <i>Exposições</i> |
| | | <i>Páginas Amareladas</i> |
| | | <i>Sátira</i> |

A revista *Aventuras na História* é uma publicação jovem em dois sentidos: primeiro devido ao seu ainda curto tempo de existência no mercado editorial (a primeira edição data de julho de 2003) segundo, por seu público alvo ser constituído principalmente por estudantes de ensino médio e universitário.

Como o seu próprio nome já diz, a revista trata de temas históricos de interesse geral, cuja abordagem jornalística encontra grande aceitação. A idéia surgiu após um levantamento entre as dez edições mais vendidas da revista *Super Interessante*, das quais quatro números tinham matérias históricas nas capas. A partir desta informação, percebeu-se uma carência do mercado por uma publicação do gênero. A primeira edição foi lançada com um perfil de especial da *Super Interessante*, sem nenhum investimento publicitário, contando apenas com a divulgação na própria revista “mãe” e sua exposição nas bancas. Mesmo assim, havia um forte indicativo de que o projeto viraria revista. Atualmente, a publicação não está mais vinculada à *Super Interessante* por questões de ordem administrativa (desde janeiro/2005). Curiosidade: apesar da revista *Super Interessante* ter reduzido seu conteúdo com o lançamento dos “filhotes” *Aventuras na História* e *Mundo Estranho*, sua tiragem aumentou, permanecendo como a segunda maior publicação do Grupo Abril (sua tiragem mensal é de 477.000 exemplares, sendo 385.000 assinantes e 92.000 em bancas).

Logo após o seu lançamento, surgiram outras publicações como a *História Viva* e a *Nossa História*, o que, segundo a revista, surpreendeu a equipe da *Aventuras na História*, que desconhecia tais intenções de lançamento para aquele mesmo semestre. Apesar da nascente concorrência, a revista firmou-se no mercado editorial: sua tiragem mensal inicial de 50.000 exemplares dos quatro primeiros números subiu para os 80.000 exemplares atuais, dos quais cerca de 36.000 possuem sua venda antecipada através de assinaturas. Suas vendas em bancas concentram-se nas grandes capitais e regiões com maiores graus de instrução, urbanização e poder aquisitivo, fato que reflete a segregação cultural e educacional presente em nosso país.

Atualmente, a revista é composta pela capa e contracapa em papel especial envernizado e miolo de 66 páginas coloridas. O papel mais fino utilizado nas matérias até o final do ano passado, foi substituído por um de melhor qualidade, agregando valor documental através da redução do risco de perecibilidade, bem como estimulando e/ou convidando antigos e novos colecionadores.

Viabilidade comercial da Aventuras na História

Quanto à estratégia de marketing, a revista continua limitando a sua divulgação à exposição do produto nas bancas e ao anúncio nas publicações dirigidas ao mesmo perfil de público do grupo Abril. A *Aventuras na História* tem seu espaço publicitário comercializado pela Editora Abril no valor de R\$ 12.800,00 a página simples (preço de tabela). Sua circulação, auditada pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação – órgão de auditoria independente do controle das editoras) é de 44.000 exemplares (55% da tiragem, que é de 80.000 exemplares). Isso dá a revista um custo por mil anúncios (CPM unidade avaliada pelo mercado para compra de espaço publicitário) de R\$ 343,75. Em comparação à *Super Interessante*, sua “revista mãe”, *Aventuras na História* está bastante desfavorecida. A *Super Interessante* comercializa a página simples a R\$ 65.300,00 e tem circulação de 385.000 exemplares (tiragem de 477.000), com CPM de R\$ 169,61. Não surpreende, portanto, que a *Super Interessante* seja um sucesso comercial enquanto *Aventuras na História* não consegue comercializar suas páginas. De público restrito, impressão de qualidade e pouco sucesso comercial (em comparação com outras publicações do Grupo Abril), fica claro que *Aventuras na História* é um projeto caro para sua editora, na medida em que, não só seus anúncios têm que ser mais caros como, na ausência quase completa deles, a publicação tem que se sustentar com seu valor de venda - tanto a *Super Interessante* quanto a *Aventuras na História* têm valor de venda de R\$ 8,95, o exemplar avulso; no caso de assinatura de um ano, a editora oferece 10% de desconto para *Aventuras na História* e 5% para a *Super Interessante*.

Conteúdo

Em seus quase dois anos de existência, a revista ajustou seu conteúdo às exigências do seu público, ocorrendo o processo de criação, extinção e ampliação das partes que compõem a sua organização interna. A publicação divide-se basicamente em dois perfis de conteúdos: as *Escrituras* que são as reportagens especiais do mês, de conteúdos mais densos e geralmente destacadas na capa do exemplar, localizadas no centro de cada edição; e os *Alfarrábios* compostos pelas seções que abrem e encerram cada número, trazendo conteúdos de leitura rápida, leve e curiosa. O perfil de cada seção será traçado mais adiante por ocasião da análise temática.

Quadro 2: Mudanças das Seções e Reportagens

| | Edição nº 20 | Edição nº 1 | Edição nº 2 | Edição nº 3 |
|----------------------------|----------------|--|--|--|
| <i>Data da publicação</i> | Abril/2005 | Julho/2003 | Agosto/2003 | Novembro/2005 |
| <i>Capa</i> | O grande Xogum | Gêngis Khan | Che Guevara | Nostradamus |
| <i>Foto-história</i> | P. 20 | P. 17 (dentro da seção <i>Máquina do tempo</i>) | P. 18 (dentro da seção <i>Máquina do tempo</i>) | P. 18 (dentro da seção <i>Máquina do tempo</i>) |
| <i>Personagens</i> | P. 34 | P. 36 | (ausente) | (ausente) |
| <i>Grandes momentos</i> | P. 40 | P. 30 | P. 48 | P. 32 |
| <i>Terra brasilis</i> | P. 46 | P. 54 | P. 54 | P. 54 |
| <i>Obra-prima</i> | P. 54 | P. 60 | P. 60 | P. 60 |
| <i>Info-história</i> | P. 8 | (não existia) | (não existia) | (não existia) |
| <i>Máquina do tempo</i> | P. 10 – 20 | P. 6-17 | P. 6-19 | P. 6-19 |
| <i>Notas Arqueológicas</i> | P. 10 | (não existia) | (não existia) | (não existia) |
| <i>(mês) na história</i> | P. 14 | P. 8 | P. 9 | P. 13 |
| <i>Linha do Tempo</i> | P. 14 | P. 10 | P. 13 | P. 10 |
| <i>Museus do Mundo</i> | P. 16 | P. 14 | P. 14 | P. 14 |
| <i>Como fazíamos sem</i> | P. 18 | (não existia) | (não existia) | (não existia) |
| <i>Dito e feito</i> | P. 19 | P. 13 | P. 17 | P. 17 |
| <i>História maluca</i> | P. 19 | (não existia) | (não existia) | (não existia) |
| <i>Dúvida cruel</i> | P. 20 | (não existia) | (não existia) | (não existia) |
| <i>Tomos e telas</i> | P. 62-63 | P. 64-65 | P. 64-65 | P. 64-65 |
| <i>Clássico</i> | P. 62 | P. 64 | P. 64 | P. 64 |
| <i>Biblioteca básica</i> | P. 62 | P. 64 (sob o título <i>Nossas sugestões</i>) | P. 65 (sob o título <i>Lançamentos</i>) | P. 65 (sob o título <i>Lançamentos</i>) |
| <i>Em cartaz</i> | P. 62 | (não existia) | (não existia) | P. 65 (sob o título <i>Filmes</i>) |
| <i>História online</i> | P. 63 | P. 64 | P. 64 | P. 64 |
| <i>Aventuras virtuais</i> | P. 63 | (não existia) | (não existia) | (não existia) |
| <i>Exposições</i> | P. 63 | (não existia) | (não existia) | (não existia) |

| | | | | |
|--|-------|---|--|---|
| <i>Páginas Amareladas</i> | P. 64 | (não existia) | (não existia) | (não existia) |
| <i>Sátira</i> | P. 66 | (não existia) | (não existia) | (não existia) |
| <i>Reportagens e Seções extintas (em relação à edição nº 20)</i> | | <i>Enigmas</i> , p. 18 <i>Civilizações</i> , p. 24 <i>Galeria</i> , p. 42 <i>História da ciência</i> , p. 48 <i>Um dia na história</i> , p. 6 <i>E se...</i> , p. 8 <i>Teste</i> , p. 13 <i>Você sabia?</i> , p. 16 <i>Papiro</i> , p. 66 | <i>Enigmas</i> , p. 20 <i>Civilizações</i> , p. 26 <i>Galeria</i> , p. 42 <i>Anais da ciência</i> , p. 40 <i>Um dia na história</i> , p. 6 <i>E se...</i> , p. 8 <i>Teste</i> , p. 17 <i>Você sabia?</i> , p. 16 <i>Papiro</i> , p. 66 | <i>Enigmas</i> , p. 26 <i>Civilizações</i> , p. 44 <i>Galeria</i> , p. 44 <i>Anais da ciência</i> , p. 38 <i>Um dia na história</i> , p. 6 <i>E se...</i> , p. 16 <i>Teste</i> , p. 17 <i>Você sabia?</i> , p. 12 <i>Papiro</i> , p. 66 |

Mais Aventuras na História

Um forte recurso utilizado pela revista é o seu site na Internet. No endereço www.aventurasnahistoria.com.br é possível, entre muitas coisas, entrar em contato com a redação, enviar críticas e sugestões, acessar conteúdos da edição atual e de números anteriores, ler trechos de livros resenhados, além de participar de promoções.

Mesmo com as dificuldades de comercialização do espaço publicitário na revista e contrariando as expectativas de qualquer investimento a mais por parte da Editora Abril, a *Aventuras na História*, independente do núcleo e da marca *Super Interessante*, deu origem a uma série de novos produtos sob o caráter de publicações especiais:

- A série *Os 10 Maiores* aborda a vida dos personagens mais importantes de cada tema. Encontrava-se (até a conclusão do levantamento de informações para este trabalho - abril/2005) na quinta edição cujo tema são *Piratas* (volumes anteriores: *Ditadores*, *Mulheres*, *Generais* e *Terroristas*). Possui uma tiragem pequena e um alcance menor de público, por envolver um maior grau de especificidade e detalhamento dos temas.

- *A Grandes Guerras* é uma revista de 82 páginas, cujo enfoque são batalhas e guerras históricas. Em breve a publicação será desvinculada da *Aventuras na História*, tornando-se uma publicação sobre História militar.
- Os DVDs temáticos são um produto de destaque, mas ainda atingem um público de maior poder aquisitivo ou grau de interesse sobre os temas. Geralmente trazem documentários produzidos por redes estrangeiras de televisão sobre grandes personagens e fatos históricos.
- *A Série Dossiê Brasil* é a mais nova publicação. Seu primeiro número trabalha a *Ditadura no Brasil* no período 1964-1985, abordando temas correntes do regime militar, numa tentativa de informar e conscientizar sobre um passado recente.
- Está previsto o lançamento de uma coleção de fascículos nomeada *Os 100 dias que abalaram o mundo* em 8 volumes, que posteriormente será editada em um único livro.

Ficha temática

A escolha dos temas

Por ser um veículo de comunicação voltado para um público não especializado, a *Aventuras na História* trabalha a seleção do seu conteúdo em função do seu perfil consumidor composto da seguinte maneira:

- O perfil dos assinantes é formado por jovens e professores, mas a maior parte é de adultos que disponibilizam a revista para suas famílias, na tentativa de motivar o interesse pela História.
- Nas bancas o perfil fica menos detalhado, mas atinge, geralmente, estudantes dos ensinos médio e superior e demais pessoas interessadas em assuntos históricos.
- Na Internet, cerca de 20% dos frequentadores do site são professores de todos os níveis de ensino.

Para a escolha da capa de cada exemplar, são considerados os seguintes critérios: ineditismo do tema, desinteresse da concorrência especializada por um tema menos consagrado mas nem por isso menos interessante, oportunidades de publicação proporcionadas por efemérides, novas descobertas/teses sobre assuntos conhecidos, temas que ganham exposição ao grande público através de filmes, documentários, livros, produções da televisão entre outros. Também são considerados temas consagrados cujo interesse se perpetua em meio aos eleitores, elaborando o que a redação chama de “mais do mesmo”. Critérios idênticos são adotados para as demais matérias internas, porém em uma escala menor de importância. A distribuição desses assuntos varia de acordo com a escolha da capa, para evitar a repetição de informações e temas, mas isso não impede que um número seja mais “contemporâneo”, “moderno”, “medieval” ou “antigo”.

As reportagens especiais do mês são tratadas no grupo intitulado *Escrituras*, que é composto e trabalhado respeitando a seguinte divisão:

- *Capa*: é a principal reportagem do mês e, conseqüentemente, a de maior conteúdo. Seu tema pode variar conforme os critérios mencionados anteriormente.
- *Foto-história*: a partir de uma imagem marcante é trabalhado, de maneira sintética, um fato importante, respeitando a relevância da imagem sobre o texto.

- *Personagens*: podem ser retratados personagens do passado, assim como entrevistadas pessoas que vivenciaram/participaram de um fato ou momento histórico.
- *Grandes momentos*: resgata eventos importantes que contribuíram para feitos históricos ainda maiores, trazendo para o leitor fatos que muitas vezes apenas são citados nos livros didáticos.
- *Terra brasilis*: especialmente dedicada à História do Brasil, abordando tanto fatos contemporâneos quanto dos séculos passados.
- *Obra-prima*: espaço reservado para a História da Arte, independente de sua época de produção ou forma de expressão, trabalhando democraticamente com grandes pintores, escultores, escritores ou, até mesmo, o personagem dos quadrinhos Asterix.

Quadro 3: Principais reportagens dos número 1, 2, 3 e 20

| | Edição nº 20 | Edição nº 1 | Edição nº 2 | Edição nº 3 |
|-------------------------|--|--|---|--|
| <i>Capa</i> | “O grande Xogum”, por Leandro Narloch | “Gêngis Khan, a fúria mongol”, por Isabelle Somma | “Camarada Ernesto”, por José Alberto Gonçalves | “Nostradamus o homen que enxegava o futuro” por Sérgio Gwercman |
| <i>Foto-história</i> | “Carga humana”, por Isabelle Somma | (era seção integrante da <i>Máquina do Tempo</i>) | (era seção integrante da <i>Máquina do Tempo</i>) | (era seção integrante da <i>Máquina do Tempo</i>) |
| <i>Personagens</i> | “O ‘Schindler’ de Saigon”, por Beto Gomes | (idem capa) | (substituída pela capa) | (substituída pela capa) |
| <i>Grandes momentos</i> | “Revolução contra revolução”, por José Francisco Botelho | “A grande peste”, por Voltaire Schilling | “Os três grandes”, por Voltaire Schilling | “Japão o dia em que a ilha se abriu ao mundo” por Isabelle Somma |
| <i>Terra brasilis</i> | “Tancredo, martírio e morte”, por Lira Neto | “Brasil ancestral”, por Rui Dantas | “Guerreiros de Alá na Bahia”, por Reinaldo José Lopes | “Onde nasceu o Brasil?”, por Eduardo Bueno |
| <i>Obra-prima</i> | “Asterix e os gauleses”, por Cíntia Cristina da Silva | (era seção) | “Sangue de irmãos”, por Beto Guimarães | “Cemitério de navios”, por Carla Aranha |

| | | | | |
|-------------------------------------|--|---|--|--|
| <p><i>Reportagens extintas:</i></p> | | <p><i>Enigmas:</i> “O verdadeiro rei Artur”, por Giba Stam</p> <p><i>Civilizações:</i> “América profunda”, por Pablo Villarrubia</p> <p>Mauso</p> <p><i>Galeria:</i> “Arte abstrata, política concreta”, por Veronica Stigger</p> <p><i>História da ciência:</i> “Invenções perdidas”, por Tatiana Bonumá</p> | <p><i>Enigmas:</i> “Marco Polo foi à China”, por Isabelle Somma</p> <p><i>Civilizações:</i> “A jóia dos Fenícios”, por Pablo Villarrubia</p> <p>Mauso</p> <p><i>Galeria:</i> “Picasso X Matisse”, por Sérgio Miranda</p> <p><i>Anais da ciência:</i> “Quem é o pai”, por Giba Stam</p> | <p><i>Enigmas:</i> “Jack, o estripador”, por Leandro Narloch</p> <p><i>Civilizações:</i> “O Mahabharata”, por Shane L. Amaya</p> <p><i>Galeria:</i> “Mona Lisa”, por Sérgio Miranda</p> <p><i>Anais da ciência:</i> “Doutor Sinistro”, por Moacyr Scliar</p> |
|-------------------------------------|--|---|--|--|

Os *Alfarrábios*, seções complementares que abrem e fecham os exemplares com artigos menores e mais dinâmicos, atualmente dividem-se da seguinte maneira:

1. *Info-história:* traz informações descritivas sobre o cenário e as condições do desenrolar de um fato histórico como, por exemplo, uma estratégia de resistência durante um confronto numa batalha urbana.
2. *Máquina do tempo* – localizada no início do exemplar e subdividida em:
 - *Notas Arqueológicas:* retrata um cenário ou uma construção de época e sua história.
 - *Abril na história (segue o mês da data da publicação):* é como um calendário mensal que traz os principais fatos históricos do mês corrente da revista.
 - *Linha do Tempo:* traça a trajetória de fatos que contribuíram para um desfecho histórico.
 - *Museus do Mundo:* propicia uma “visitinha” sem sair do lugar aos principais museus do mundo, traçando o seu breve perfil.
 - *Como fazíamos sem...:* trata das pequenas invenções que mudaram hábitos, apresentando um “antes e depois” de uma maneira curiosa.

- *Dito e feito*: expõe as origens daquelas expressões cotidianas passadas de uma geração para outra.
 - *História maluca*: traz curiosidades divertidas sobre a história.
 - *Dúvida cruel*: seção nova que propõe a investigação e o debate sobre dúvidas históricas.
3. *Tomos e telas* – assim como os demais títulos a seguir, localiza-se mais ao final da revista e está subdividida em:
- *Clássico*: apresenta a resenha de um livro ou estudo de um tema clássico da historiografia. Inclui a seção *Acervo* que resenha publicações mais recentes da historiografia e de temas a ela relacionados.
 - *Biblioteca básica*: apresenta o perfil de uma especialista num tema sugerido e a sua indicação de bibliografia para melhor compreendê-lo.
 - *Em cartaz*: divulga produções culturais ligadas a temas históricos.
 - *História online*: indica sites dedicados a pequenos e curiosos recortes históricos.
 - *Aventuras virtuais*: dá dicas de jogos para vídeo-games ambientados historicamente.
 - *Exposições*: agenda das principais mostras previstas para o mês nas principais cidades do Brasil.
4. *Páginas Amareladas*: também intitulada como *Entrevista com gente morta*, é talvez a seção mais polêmica da revista, já que tenta reconstituir a trajetória de uma personalidade através de uma entrevista fictícia, formulada a partir de informações disponíveis nas fontes.
5. *Sátira*: seção estreante que tenta fazer “piada com fundo histórico”.

Outras seções já passaram pela revista, como pôde ser percebido no Quadro 2, no entanto vale a pena destacar a *Papiro*, extinta na edição de abril/2005, pois passava uma imagem de “estar fazendo um favor aos historiadores”, já que era uma única página no final da revista, cujo discurso distoava da abordagem empregada nas demais matérias. Ao invés disso, o historiador a partir do número de maio/2005 estaria integrado aos conteúdos de destaque da publicação como, por exemplo, um artigo complementando a matéria da capa (vide exemplar de maio/2005 – capa sobre Adolf Hitler). Desta forma, busca-se dar maior evidência ao profissional de História e ao seu trabalho, utilizando recursos para atrair ao

leitor. No entanto, verificamos, a título de curiosidade, o referido exemplar e descobrimos que o tal historiador é na verdade um professor de Psicologia Social da Universidade de Essen (Alemanha), o que nos deixou desapontadas.

Curiosidade: perguntamos se a redação da *Aventuras na História* já havia pensado na possibilidade de abrir uma seção para que os leitores pudessem enviar artigos com fotos e documentos contando sobre sua participação ou de um parente em algum momento histórico e a resposta recebida foi a de que há um grande projeto para, num futuro próximo, incentivar a participação na memória do cidadão e coletiva. Por enquanto, a revista promove a divulgação da recuperação de patrimônios históricos e coletivos feita pela iniciativa privada.

De uma maneira geral, percebemos que o perfil de reportagem do tipo dossiê (muito utilizado pela *História Viva*, por exemplo) quase não é mais utilizado nas matérias. Foram criadas novas seções com enfoques mais atraentes e os temas históricos sobre a vida privada e o cotidiano ganharam maior frequência e destaque.

Cada edição é “aberta” com um editorial sob o nome *Manuscrito* trazendo o convite do editor (Celso Miranda) e sua equipe para a leitura do exemplar, estabelecendo o vínculo entre a redação e o leitor, fato comprovado na seção *Missivas*, onde é registrada a ativa participação do público através do envio de cartas e e-mails. O perfil da correspondência recebida pela redação da revista ainda é o mesmo da ocasião do lançamento: manifestações de satisfação de uma demanda por informações históricas, sugestões de matérias e crescente interesse pela revista. É justamente esta participação dos leitores uma das melhores fontes de pesquisa para traçar as estratégias jornalísticas adotadas, segundo o editor.

Como já dito anteriormente, a *Aventuras na História* possui um site na Internet, que é mais um canal de interação com o público. Além dos atrativos dos conteúdos disponíveis, também são feitas promoções para estimular o acesso, como o sorteio dos livros resenhados com capítulos disponíveis para leitura online e camisetas. Os livros resenhados são escolhidos pelos critérios de novidade (lançamentos editoriais), qualidade e reconhecimento das obras, variedade dos assuntos e divulgação de obras clássicas. Livros considerados “ruins” não são criticados por dois motivos: para não “desperdiçar” um espaço que poderia ter sido dedicado a uma obra interessante, bem como a possibilidade do mesmo livro agradecer leitores menos preocupados com a qualidade da informação fornecida.

Ilustrações

Um dos maiores atrativos da *Aventuras na História* é o seu forte apelo visual, cheio de cores, formas e imagens. Seja através de desenhos, mapas, fotos, reproduções de materiais e documentos de época, ou mesmo um simples fundo de texto ilustrado em tom pastel, todas as páginas ficam bem marcadas.

As ilustrações são escolhidas de acordo com os temas tratados e o discurso jornalístico empregado. Uma matéria sobre um assunto sério nem sempre comporta charges, assim como desenhos podem ser utilizados para os temas anteriores à invenção da máquina fotográfica. Ocorre um equilíbrio entre o bom senso/gosto e o poder de atração exercido sobre o leitor. É importante lembrar que este tipo de abordagem gráfica agrada ao perfil do público da revista, diferenciando-a das suas concorrentes.

Todas as ilustrações, fotos e imagens tem sua autoria e propriedade devidamente creditadas. As fotos e imagens estão sempre acompanhadas pelo símbolo © de *copyright* com a legenda correspondente ao lado da figura ou no rodapé da página, indicando a autorização legal para a sua divulgação e publicação.

Bibliografia

Há uma preocupação, segundo o editor, em trabalhar com as melhores fontes, sejam elas livros, historiadores e estudiosos sobre o tema discutido, ou sites da Internet, ferramenta cada vez mais utilizada mundialmente, embora ainda encontre certa resistência quanto a sua confiabilidade em meio aos pesquisadores brasileiros.

As matérias apresentam, quase sempre, uma sugestão de fontes selecionadas para os leitores interessados em aprofundar suas informações sobre o tema abordado, mas estas limitam-se a indicação de uns poucos livros e/ou sites, geralmente os mesmos utilizados no processo de pesquisa e redação pelo jornalista responsável. Apesar de o editor defender que a revista só utiliza as “melhores fontes” tendemos a desconfiar desta afirmação pois, enquanto estudantes e historiadores, conhecemos uma quantidade muito maior de especialistas e obras sobre determinados assuntos do que a pequena lista divulgada pela revista.

Aventuras na História X Filosofias e Teorias de História e Historiografia

A *Aventuras na História* é uma revista jovem feita para um público jovem. Não há nenhuma pretensão educacional ou em tornar a revista um material didático complementar, apesar de muitos professores escreverem para sua redação afirmando fazê-lo. O objetivo principal da publicação é entreter e informar, atendendo uma demanda por informações históricas de maneira a despertar o interesse pelos assuntos e motivar/orientar na busca pela complementação desses conhecimentos.

Nesse sentido, não existem historiadores ou estagiários da área atuando na revista e nem se cogita a possibilidade futura de contratação deste perfil profissional. Apesar de ser comum encontrarmos estudantes e profissionais de jornalismo e direito nas classes do Departamento de História da FFLCH-USP, não há nenhum caso com esse perfil na redação da revista. O que ocorre eventualmente é de algum colaborador da revista possuir esta formação ou especialização.

Ainda que não participe da redação dos artigos, há uma colaboração da comunidade acadêmica de História. Ela é consultada através de suas obras e entrevistas concedidas como fontes de pesquisa. A redação da revista lamentou que os historiadores brasileiros ignorem muitas vezes os e-mails e telefonemas da imprensa, isolando-se em suas “ilhas de conhecimento”, deixando de prestar um serviço à cultura do país. Mencionaram um comportamento diferente dos profissionais do exterior, cuja resposta é recebida no dia seguinte com grande interesse compartilhar informações. Interrogamos alguns professores do nosso departamento de História sobre estas tentativas de contato, uns disseram jamais terem sido procurados, outros que colaboraram com a *Super Interessante*, mas não se recordam especificamente da *Aventuras na História*.

Os critérios jornalísticos de ética, responsabilidade e credibilidade da informação são, segundo o editor, as diretrizes do trabalho na revista. Recentemente, a *Aventuras na História* foi a vencedora do *Prêmio Esso 2004* na categoria *Jornalismo – Criação gráfica*.

Por ser uma revista elaborada por jornalistas e “amantes não profissionais” da História, a identificação do emprego de conceitos históricos na linguagem utilizada é menos evidente. Mesmo assim é possível encontrar alguns conceitos, ainda que trabalhados de uma maneira muito superficial, em matérias que valorizam certos acontecimentos (geralmente confrontos) e personagens históricos. Outra maneira de perceber algum conceito histórico é quando o jornalista usa como fonte de pesquisa a obra de algum historiador, permeando o seu

texto com a teoria utilizada pelo autor original. Alguns exemplos de matérias nas quais podemos identificar conceitos históricos são:

- “Camarada Ernesto” (*Aventuras na História*, edição 2, p. 32-39): como não poderia ser diferente, a matéria deixa claro que o guerrilheiro é o “mocinho” da história, caçado pelo capitalismo americano por lutar pelo socialismo. Nesta matéria mistura-se o mito do herói nacional, no caso, do continente latino-americano, com a luta de classes teorizada por Karl Marx.
- “Quem é o pai?” (*Aventuras na História*, edição 2, p. 40-43): debatendo sobre quem teria sido realmente o inventor do avião, se Santos Dumont ou os irmãos Wright, a reportagem “puxa o peixe para o prato” brasileiro, assim como os americanos o fazem com os irmãos Wright, no melhor estilo da história nacionalista que enaltece os heróis e as conquistas do país, como nos livros didáticos.
- “Guerreiros de Alá” (*Aventuras na História*, edição 2, p. 54-59): utilizando como fonte de pesquisa o livro “Rebelião Escrava no Brasil – A História do levante dos Malês, 1835” do historiador João José Reis, o texto deixa transparecer a construção do argumento de Reis àqueles que já tiveram contato com a sua obra, adicionando à matéria datas históricas oficiais sobre o tráfico e a escravidão no Brasil, assim como o confronto de duas classes distintas: a dos senhores e a dos escravos oprimidos.
- “Japão - o dia em que a ilha se abriu ao mundo” (*Aventuras na História*, edição 3, p. 32-37): o enfoque da matéria é o da versão ocidental para a história oriental, consagrando a influência européia na elaboração da História.
- “O Mahabharata” (*Aventuras na História*, edição 3, p. 44-49): uma das matérias mais curiosas já publicadas, apresenta o mito da criação do Império Indiano em forma de quadrinhos, tentando preservar o caráter filosófico histórico religioso do conteúdo, como a expectativa messiânica pelo Krishna. Apesar do caráter divino, também registra algo de laico ao mencionar a passagem do povo indiano para a “Idade de Ouro” dos homens.
- “Ieyasu Tokugawa, o destemido senhor da guerra” (*Aventuras na História*, edição 20, p. 26-33): através do grande Xogum, é apresentado um importante episódio da história nacional japonesa que inaugurou uma dinastia que governaria por 265 anos, cujas influências fundadoras persistem até os dias de hoje, apesar de toda a ideologia de progresso (refletida em sua tecnologia de ponta) adotada pelo país no último século.

- “O ‘Schindler’ de Saigon” (*Aventuras na História*, edição 20, p. 34-39): a abordagem é a da história dos vencidos, inaugurada no século XX.
- “Asterix e os gauleses” (*Aventuras na História*, edição 20, p. 54-59): apresentando os famosos quadrinhos de Asterix, identificamos o mito da descendência gaulesa dos franceses. As disputas das tribos com o Império Romano são registradas com bom humor, mas transparece a ideologia da história nacionalista francesa.

Embora a maioria dos textos seja elaborada sob o enfoque jornalístico e sem uma preocupação investigativa de fontes ou uso metodológico, é possível identificar alguns conceitos históricos, ainda que sejam empregados “inconscientemente” pelos autores, seja pelo condicionamento do modelo histórico perpetuado nas escolas e nos manuais didáticos, seja por um certo grau de “osmose” durante o contato com o trabalho dos especialistas em História.

Conclusão

Procuramos respeitar durante a execução deste trabalho a orientação básica de que “não existe lixo cultural, existem sim níveis diferentes de interesse”. *Aventuras na História* não é uma publicação acadêmica destinada a historiadores profissionais, nem tem qualquer pretensão de seguir uma linha científica de divulgação de conhecimento. Sua validade encontra-se na sua capacidade de divulgar o conhecimento histórico de uma maneira acessível e atraente.

É uma publicação dinâmica que mantém uma estreita relação com seu público consumidor, despertando sua ativa participação, trabalhando e mudando para atender suas expectativas conquistando, conseqüentemente, o seu espaço no mercado editorial. A demanda consumidora estava lá esperando, eles e outras revistas resolveram atendê-la. Além dos lançamentos previstos já mencionados, a *Aventuras na História* está desenvolvendo um projeto para a divulgação do conhecimento histórico em escolas do ensino médio e universidades, juntamente com as publicações *Guia do Estudante*, *Bravo* e *Religiões*. No ensino médio, o objetivo é estimular o interesse pela História, aproximando alunos e professores. Já no nível universitário, o foco é em estimular o debate e a troca de informações entre os alunos das áreas de História, bem como demais ciências humanas e interessados pelo tema. Ainda não há uma data prevista para o início destas atividades.

Muitos historiadores e estudantes da área criticam a revista por seu cunho jornalístico. Estariam os jornalistas ocupando um espaço que os historiadores estão deixando vago? A questão talvez não tenha uma resposta simples, pois precisamos considerar se não há o interesse dos historiadores brasileiros em uma participação mais efetiva neste tipo de publicação, se eles têm receio de um julgamento por parte dos seus colegas, se as revistas não estão dispostas a remunerá-los de acordo... Enquanto isso, a *Aventuras na História* segue com seus artigos “digestos” defendendo a não necessidade de historiadores em sua equipe fixa.

E os historiadores? Bom, talvez pudessem aparecer mais...

Agradecimentos

Gostaríamos de registrar nossos sinceros agradecimentos à equipe da revista *Aventuras na História*, representada por seu editor Celso Miranda, pela atenção dispensada ao nosso grupo durante a realização deste trabalho, bem como doação de parte do material analisado.

Fontes

AVENTURAS NA HISTÓRIA. São Paulo: Editora Abril, edições 1-3, 2003 e 20-21, 2005.

ECLÉTICA - 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Créditos:

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano

Vice-Diretor: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

Departamento de História

Chefe: Prof. Dr. Modesto Florenzano

Suplente: Profa. Dra. Maria Lígia Prado

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer

Monitora PAE – Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro

Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.